Estudos Avançados 12 (32), pp. 125-186.
BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista. 3ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987
DUPAS, Gilberto. (1998), "A lógica da economia global e a exclusão social", Estudos Avançados
DUPAS, Gilberto. Economia Global e Exclusão Social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
FIORI, J.L., TAVARES, (org.) (1998), Globalização: o Fato e o Mito, Ed. UERJ, RJ.
FURTADO, Celso. O Capitalismo Global. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
HIRSCHMAN, Albert O. A retórica da intransigência. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
MORSE, Richard. O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
SILVA, Tomás Tadeu; APPLE, M.; ENGUITA, M. e outros. Neoliberalismo, qualidade e educação. Petrópolis, Vozes, 1994.
SINGER, Paul . Globalização e desemprego: diagnóstico político e alternativas. São Paulo: Contexto, 1999.
VEIGA, Pedro da Mota. O Brasil e os desafios da globalização. São Paulo: SOBEET, 2000.

GESTÃO DEMOCRÁTICA NAS SALAS DE AULA

JULIANA DE ALMEIDA PRADO

RESUMO

A gestão democrática na escola pública tem sido amplamente debatida e defendida na educação brasileira nas últimas décadas. Neste contexto, pretende-se neste artigo fazer uma reflexão a respeito do trabalho de gestão democrática nas escolas, tendo como foco o papel do professor como gestor da sala de aula para a efetivação de um trabalho educacional voltado para a cidadania e democracia.
PALAVRAS-CHAVE: Gestão democrática; Gestão de sala de aula; Relação professor e aluno.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu a partir do desejo de colaborar com a ampliação do entendimento por parte dos leitores a respeito da temática sobre gestão democrática, cujo foco principal encontra-se na questão de associar o trabalho de gestão democrática às atividades de gestão de sala de aula, orientada e direcionada pelos professores nos espaços escolares. Diante desse contexto, o objetivo principal desse trabalho é propiciar aos leitores uma reflexão sobre a importância do trabalho de gestão democrática nos espaços de salas de aula, para atingir bons resultados nas aprendizagens dos alunos. O presente artigo apresenta relatos de práticas de professores, tratando da temática aqui refletida.

GESTÃO DEMOCRÁTICA NAS ESCOLAS

A gestão democrática trata-se de uma organização que possibilita a participação, transparência e democracia. É uma gestão que possibilita que as tomadas de decisões, acompanhamento de percursos e resultados atingidos, sejam compartilhados entre todos os envolvidos nos processos de execução das atividades, mantendo maior diálogo e corresponsabilização de todos no alcance dos objetivos coletivos.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 apresenta o princípio da "gestão democrática do ensino público, na forma da lei".
Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), vem reforçar esse princípio no tocante à gestão democrática nas escolas. Em seu artigo 14:
Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:
- Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

De acordo com Vieira (2005) a gestão democrática do ensino público na educação básica, oferece grande autonomia às unidades federadas para definirem em sintonia com suas especificidades formas de operacionalização da gestão, com a participação de todos os profissionais da educação envolvidos e de toda a comunidade escolar, de modo geral.
A gestão democrática pode ser representada de formas variadas no âmbito escolar, como na constituição e atuação de órgãos colegiados, como os Conselhos de Escola, Associações de Pais e Mestres (APM), Grêmios Estudantis, entre outros. Os órgãos colegiados possibilitam maior engajamento e participação ativa de toda comunidade escolar nas ações dentro do espaço da escola.
Ressalte-se também o planejamento e elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), que quando

trabalhado e desenvolvido de modo colaborativo e participativo nas escolas, torna-se mais um elemento de grande importância na consolidação dos princípios que se referem a um trabalho que prioriza gestão democrática.
Quando todos os membros da comunidade escolar percebem que suas ideias e pensamentos estão sendo valorizados e levados em consideração, acabam se tornando parceiros da escola, tomando para si de um modo bastante natural e espontâneo, a posição de que o espaço escolar é um ambiente coletivo e não individual, dessa forma o processo de convivência humana torna-se mais colaborativo e de corresponsabilização sobre as tomadas de decisões.

A escola é um espaço púbico e é dever de todos cuidar desse ambiente para que a promoção da educação seja dada em um ambiente seguro e agradável.
No entanto, muito se discute que mesmo com a existência de legislações que amparam a construção de uma gestão democrática e descentralizada nas escolas, ainda há grande percurso a ser seguido pelos próprios membros da comunidade escolar para que se atinja uma nova cultura de apreensão a respeito da importância desse tipo de gestão, não somente envolvendo a administração da escola, num caráter mais amplo, mas também a administração das próprias salas de aula.
É necessário que no coletivo, todos os membros da escola transformem seu espaço para a valorização de uma cultura que preserve o diálogo igualitário, da horizontalidade, do respeito e do equilíbrio entre as forças que compõem a comunidade escolar.
A gestão democrática exige compromisso de objetividade para executar o que foi planejado no coletivo, inclusive em encontros para planejamento e elaboração do PPP da escola. E na sala de aula, é de extrema importância que o professor dê continuidade ao que foi definido no coletivo, respeitando os objetivos educacionais anteriormente traçados, realizando um trabalho que requer tanto solidariedade em compartilhar responsabilidades, quanto capacidade de decisão.
No entanto, para desempenhar essas funções com êxito, seja na administração da sala de aula, seja na administração da própria escola, é importante que todos tenham consciência da importância da gestão democrática e da participação coletiva de todos nas tomadas de decisões.

GESTÃO NA SALA DE AULA: UMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA

Quando se fala em gestão de sala de aula, pode haver o levantamento de muitos questionamentos, por exemplo: Como se trabalhar para a democracia em sala de aula? Como formar o aluno para o exercício da cidadania? Como trabalhar para quebrar um ensino tradicional? Em que o professor está no centro do processo de ensino e os alunos pouco participam das discussões, refletindo sobre seus processos de aprendizagem.

Durante muitos anos o ensino tradicional foi considerado o adequado, aquele onde o aluno realiza sempre as mesmas atividades, de um modo muitas vezes automatizado e memorizado, sem muitos desafios ou modificações no contexto escolar, alunos sempre nos mesmos lugares, enfileirados, sem grandes modificações nas questões de agrupamentos ou do próprio espaço de sala de aula. A cooperação e parceria dão lugar para os trabalhos mais individualizados e para a competitividade.
Paulo Freire (1999) traz a concepção de educação bancária, definida como aquela educação em que o professor transfere seu conhecimento aos alunos, que por sua vez não possuem quaisquer questionamentos ou conhecimentos prévios a respeito dos assuntos, ocorrendo então uma aprendizagem que ele denomina como “passiva”, aquela em que o professor apenas transfere o conhecimento e o aluno como uma “folha em branco”, recebe as informações, sem possibilidade de cogitar qualquer questionamento. Nesse ambiente, percebe-se que somente ocorre interação entre professor e conteúdo e as aulas são ministradas de um modo totalmente expositivo.
De acordo com Mantoan (2003) no Brasil começou a ser possível escolas democráticas a partir de 1996 com a LDB, que possibilitou mudanças nas práticas de organização da gestão das escolas, apresentando maior autonomia de escolha por parte dos profissionais da educação a respeito do trabalho de gestão a ser executado nos ambientes educacionais.
A partir dos pensamentos e estudos sobre a perspectiva Construtivista na teoria da aprendizagem, as concepções a respeito de como se dão os processos de conhecimento por parte dos indivíduos, começaram a ganhar um novo entendimento. Dessa forma, as práticas de ensino começaram a ganhar outros rumos nas questões sobre como acontecem os processos de construção do conhecimento por parte dos indivíduos e quais relações devem ser priorizadas nos espaços de sala de aula, para que a aprendizagem seja construída de um modo eficaz, garantindo a formação integral dos sujeitos.
A LDB de 1996, em seu art. 29, compreende a importância do desenvolvimento da educação integral nos espaços da escola, bem como o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, físicos, psicológico, intelectual, social, complementando a ação da família e da comunidade.

A nova percepção em relação à questão de como ocorre o conhecimento e como as relações interpessoais são importantes e interferem diretamente na estruturação do pensamento por parte dos indivíduos, fez com que muitas dinâmicas pedagógicas em salas de aula se alterassem de um modo bastante significativo. No entanto, se sabe que a mudança para uma educação construtivista ainda se configura como um grande desafio para muitos profissionais da educação, pois ainda é possível observar práticas bastante tradicionais nos ambientes de salas de aula.

Os trabalhos de formação continuada dos profissionais da educação nos próprios espaços escolares entram como fundamentais na construção de uma nova cultura para a educação democrática, que valoriza o espaço do diálogo entre alunos e professores, num entendimento de que a interação entre todos os indivíduos é primordial para favorecer significativamente as aprendizagens individuais e coletivas.

Para Vygotsky (1991) o desenvolvimento do pensamento parte do social para o individual. Compreendendo o meio escolar como um ambiente social, percebe-se que a escola é palco de aprendizagens, e nesse ambiente é primordial que o professor atue como mediador e não como protagonista, ou seja, todos são detentores de pensamentos e conhecimentos no espaço da escola e sala de aula.

Paulo Freire (1996) concebe que tanto o educador quanto o educando se ensinam, ambos em sua interação se educam, ocorrendo assim o diálogo, a interação entre professor e aluno.

No ambiente de aprendizagem, como o da sala de aula, é importante que seja dado prioridade para um ambiente que se trabalha para a democracia e igualdade de direitos e deveres. Segundo Paro (2007):

[...] se estamos preocupados em formar cidadãos participativos, por meio da escola, precisamos dispor as relações e as atividades que aí se dão de modo a 'marcar' os sujeitos que por elas passam com os sinais da convivência democrática". Dentro do universo de sala de aula, o professor tem condições de criar situações propícias para que o trabalho de ensino se torno uma prática que possibilite o desenvolvimento de cidadãos democráticos (p. 104).

A gestão democrática aponta para a redefinição do papel do professor. Nesse caso, é necessário que o professor traga seus alunos para o envolvimento das discussões em sala de aula. O professor deve explicar aos alunos os objetivos das aulas, mostrando a importância de cada uma delas, aproximando o conhecimento escolar da funcionalidade na vida dos alunos, promovendo aprendizagens significativas.

É importante que os alunos se comprometam com a apropriação dos conhecimentos. O professor deve despertar a consciência de que aprender não se trata de uma ação isolada, mas sim uma ação conjunta entre professores, alunos e o meio em que estão inseridos.

O professor, ao desenvolver seu trabalho, deve almejar o desenvolvimento intelectual e moral de seus alunos, planejando vivências em que todos possam exercer papéis que favoreçam a análise crítica dos valores necessários ao convívio social. O professor, além de dominar os conteúdos curriculares, deve trabalhar em suas aulas conteúdos atitudinais, que abracem questões comportamentais em prol da cidadania e democracia.

A adequação do espaço da sala de aula para a promoção de um ambiente que possibilite a aprendizagem, requer o envolvimento de todos e depende da forma como o professor realiza a gestão da sala de aula. O professor deve promover condições para que o conhecimento seja apreendido pelos alunos e, para isso, ele deve organizar bem o tempo e o espaço escolar, para a promoção de boas intervenções e vivências de aprendizagem.

A ação educativa no espaço da escola se caracteriza pela intencionalidade pedagógica e, por isso, pode ser entendida como gestão. Dessa forma, aponta para uma administração de práticas que acabam por se configurar na atuação do professor em sala de aula, com o planejamento das aulas, a própria organização do trabalho pedagógico e coordenação dos processos de ensino-aprendizagem.

Ressalta-se que o professor não deve abdicar de sua autoridade no espaço de sala de aula, ao contrário, deve fazer uso dela, porém de forma democrática, para que os alunos ascendam a um nível elevado de assimilação dos conhecimentos sistematizados e historicamenteacumulados.

Para Paulo Freire (1996) no processo de ensinar é importante preservar a autoridade, ou seja, o professor deve ocupar seu espaço de autoridade em sala de aula, mas não espaço de autoritarismo, atuando de modo arbitrário e desrespeitando o próximo.

Após alguns apontamentos sobre a organização do trabalho de gestão de sala de aula em uma perspectiva democrática, será apresentado abaixo relatos de professores, exemplificando práticas educativas na gestão das salas de aula.

RELATOS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: UMA VISÃO DE GESTÃO DE SALA DE AULA

Primeiro relato:

1) Qual sua formação?

R: Sou formada em Pedagogia Licenciatura Plena.

2) Há quanto tempo atua como professor(a)?

R: Sou professora há oito anos, sendo que dois anos desse tempo atuei como professora da rede privada, depois passei a lecionar na rede pública.

3) Você costuma lecionar em quais anos?

R: Dou preferência para os primeiros anos do Ensino Fundamental I, pois me sinto muito envolvida com a alfabetização dos alunos.

4) Que concepções de aprendizagem você prioriza em sala de aula?

R: Na sala de aula eu procuro programar aulas que façam com que os alunos se sintam interessados no que estão aprendendo, eu diria aulas mais envolventes talvez. Procuro propor jogos, desenhos, ilustrações, atividades lúdicas, procurando dar o máximo de atenção para cada aluno, para sentir também o desenvolvimento de cada um.

5) No mundo em que tecnologia se faz tão presente, o que acha do uso de recursos midiáticos nas salas de aula? Você já propôs alguma vivência de aprendizagem com o uso da tecnologia?

R: Eu acho muito importante já que a tecnologia chegou para ficar. E o quanto antes as crianças aprenderem a usar tudo que está proposto nesse universo da tecnologia, tudo ficará mais fácil para elas mesmas, tendo também mais capacitação para o seu próprio futuro profissional. Eu já propus atividade que necessitava de trabalhos de pesquisa na internet, por exemplo, realizamos um trabalho onde os alunos tiveram que pesquisar quais alimentos saudáveis poderiam ser inseridos em nossa dieta, em grupos de cinco alunos, eles montaram um cardápio, contendo café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar. Além das pesquisas, os alunos também assistiram vídeos com nutricionistas. Ao final fizemos uma bela salada de frutas coletiva, com frutas frescas e da época, ficou uma delícia!

6) O que pensa do professor como gestor da sala de aula?

R: Eu penso que hoje as coisas mudaram bastante, ocorreram muitas mudanças quando comparamos com a dinâmica das salas de aula do passado. Hoje os alunos se sentem mais a vontade com a presença do professor em sala, levantam a mão com mais tranquilidade, o professor deixou de ser aquela figura assustadora, muito rígida e ríspida. O professor deve ser sim autoridade na sala de aula e os alunos devem respeitar a hierarquia, mas tanto os alunos devem respeitar o professor, como o professor deve respeitar os alunos. A comunicação e a troca entre ambos é fundamental para que a aprendizagem aconteça de um modo natural e gratificante para ambos.

Segundo relato:

1) Qual sua formação?

R: Sou formado em Educação Física Licenciatura Plena.

2) Há quanto tempo atua como professor(a)?

R: Eu leciono há 5 anos, na rede particular.

3) Você costuma lecionar em quais anos?

R: Dou aula para o Ensino Fundamental I.

4) Que concepções de aprendizagem você prioriza em sala de aula?

R: Eu procuro trabalhar muito além do esporte nas minhas aulas. Procuro utilizar as disciplinas esportivas e todos os seus fundamentos, então além do conhecimento próprio do esporte, questões de técnicas e habilidades, que deve ser trabalhado como componente curricular da disciplina, eu procuro trabalhar também com os alunos, de um modo bastante intenso, todos os valores que o esporte pode despertar, como disciplina, inclusão, competitividade e respeito ao próximo.

5) No mundo em que tecnologia se faz tão presente, o que acha do uso de recursos midiáticos nas salas de aula? Você já propôs alguma vivência de aprendizagem com o uso da tecnologia?

R: Acho interessante o uso da tecnologia em todas as aulas, não importa a disciplina, penso que em todas as áreas a tecnologia acaba favorecendo a apreensão de conteúdos de um modo bastante interativo e atrativo para os alunos, ainda mais hoje em dia, que a tecnologia está em tudo. Já propus aos alunos trabalho com jogos virtuais, foi uma prática bem interessante, foi possível perceber que a tecnologia não substitui a prática esportiva e nem o contrário, mas podem ser tratadas de modo complementar. Com frequência trabalho também com jogos virtuais de dança, é muito legal, além de trabalhar com a movimentação, os alunos se divertem demais.

6) O que pensa do professor como gestor da

sala de aula?

R: O professor é o gestor da sala de aula. Todo gestor em qualquer área tem que ser o exemplo, e isso não é diferente no espaço escolar. O trabalho do professor tem que ser feito para que todos os alunos se desenvolvam positivamente. E, certamente, o respeito cabe em todas as relações, e isso inclui também a relação professor e aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao perceber os relatos dos professores entrevistados, observa-se que ambos trabalham com foco em uma perspectiva Construtivista de aprendizagem, ou seja, aquela em que os alunos se envolvem e participam ativamente da construção de seus próprios conhecimentos. Exatamente por identificar ambos trabalhando nessa perspectiva de aprendizagem, já se percebe bons avanços no que se refere às atuações dos profissionais da educação nos espaços escolares, sobre a importância de praticar gestão democrática nas salas de aula.

Nas falas “Na sala de aula eu procuro programar aulas que façam com que os alunos se sintam interessados no que estão aprendendo” e “ [...] a tecnologia acaba favorecendo a apreensão de conteúdos de um modo bastante interativo e atrativo para os alunos, ainda mais hoje em dia, que a tecnologia está em tudo”, há o retrato da aproximação do professor buscando estabelecer contato com os alunos, com objetivo de compreender os conhecimentos prévios e buscando ampliar os conhecimentos dos alunos da melhor maneira possível, com percursos de aprendizagens diversos, sem perder de vista a importância da interferência e mediação docente no processo de ensino-aprendizagem para apreensão dos conhecimentos historicamente acumulados.

Além disso, quando ambos professores retratam em suas falas a alegria por parte dos alunos ao realizar as atividades propostas, tanto de alimentação saudável, quanto de jogos virtuais, percebe-se algo que é de fundamental importância para a efetivação de aprendizagens significativas, que no caso é a relevância dos vínculos afetivos na relação professor e aluno. Segundo Pereira (2010) a afetividade quando trabalhada em sala de aula, resulta em experiências bstante positivas e benefícias para o avanço cognitivo e aprendizagem dos alunos. A segurança e confiança depositada no professor são fundamentais para a construção do processo de aprendizagem.

Algo de extrema importância é perceber que para ambos os professores, na gestão das salas de aula, o gestor é o professor e deve manter-se como autoridade perante os alunos. Quando acrescentam que o respeito é a base das relações, traduzem em suas práticas uma perspectiva de educação democrática, em que os seres humanos são eternos aprendizes nas relações de troca e experiências.

Assim como afirma Paulo Freire (1996) todo conhecimento é inacabado, isto é um processo que se desenvolve de modo contínuo, incorporando novos elementos e jamais deixando de questionar a si mesmo.

Nessa caminhada de uma educação democrática, surge esperanças de um futuro cada vez melhor, com mais humanidade, cooperação e solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

. Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

. Pedagogia do oprimido. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MATOAN, Maria Teresa Ègler. Inclusão Escolar O que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

PARO, V. H. Gestão escolar: democracia e qualidade de ensino. São Paulo: Ática, 2007.

PEREIRA, Maria José de Araújo e GOLÇALVES, Renata. Afetividade: Caminho para a aprendizagem. Revista Alcance - revista eletrônica de EAD da UNIRIO | Ed. 01 | 2010.

VIEIRA, Sofia Lerche. Educação e gestão: extraindo significados da base legal. In. CEARÁ. SEDUC. Novos Paradigmas de gestão escolar. Fortaleza: Edições SEDUC, 2005, p. 7 – 20.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martin
Fontes, 1991.